



**Veredas Temática:**

**Autoetnografia em Estudos da Linguagem e áreas interdisciplinares**

**Volume 22 nº 1 - 2018**

---

**Militância e ocupação: dimensões autoetnográficas na pesquisa sobre movimentos sociais**

Etyelle Pinheiro de Araújo (PUC-Rio)<sup>1</sup>

Liliana Cabral Bastos (PUC-Rio)<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste estudo, revisitamos a pesquisa de Araújo (2015) sobre a relação entre as identidades que os manifestantes de junho de 2013 reivindicavam para si e os episódios de violência policial. Nosso objetivo é discutir as relações da pesquisa com a autoetnografia. Para tanto, observaremos a interação entre pesquisadora e pesquisados ao longo das entrevistas. Partindo de uma perspectiva qualitativa interpretativista (DENZIN; LINCOLN, 2006) em articulação com a Análise de Narrativa (BASTOS; BIAR, 2015), entendemos que as atividades da pesquisa de 2015 se aproximam da etnografia. As vivências da primeira autora alinham-se às dos entrevistados (VERSIANI, 2005). Além disso, a interpretação conjunta dessas experiências remete a um 'nós' autoetnográfico (ELLIS, 2004). É dessa forma que os participantes das manifestações de junho de 2013 significam suas atuações, movimento que se constitui em uma das questões centrais da etnografia (COELHO, 2016).

Palavras-chave: autoetnografia; narrativa; interação; alinhamento; movimentos sociais.

---

<sup>1</sup> Agradeço à CAPES pelo apoio à pesquisa aqui apresentada, por meio da bolsa de Mestrado (2014/2015).

<sup>2</sup> Agradeço ao CNPq pelo apoio à pesquisa aqui apresentada, por meio da bolsa de produtividade em pesquisa (no. 309801/2015-0).

## Introdução

No dia 20 de junho de 2013, preparei um cartaz e, da mesma forma que milhares de pessoas, me dirigi ao centro da cidade do Rio de Janeiro para participar de uma manifestação que tinha como bandeira principal o protesto contra o aumento da tarifa de transporte coletivo. Junto ao meu cartaz, outros mais surgiam, com reivindicações diversas. Foi muito bonito ver aquela gente toda ocupando a rua e reclamando seus direitos. Sem motivo aparente, segundo a visão que eu tinha do lugar onde eu estava no meio da multidão, a polícia começou a lançar bombas de gás lacrimogêneo e atirar balas de borracha contra os manifestantes. A tentativa de correr foi inútil, dada a quantidade de pessoas. Quando, finalmente, cheguei a uma larga via para fugir e ir para casa, me deparei com alguns jovens com porretes nas mãos, quebrando lojas e furtando pessoas. Enquanto eu testemunhava essa cena, ainda ouvia os tiros de bala de borracha disparados na rua ao lado. “Estão batendo e atirando balas de borracha em pessoas com cartazes, enquanto tem gente do lado de cá cometendo crimes e nada acontece”, foi o que pensei, ainda em choque com a situação (ARAÚJO, 2015, p. 13).

No relato acima, a primeira autora deste artigo fala sobre sua experiência em uma manifestação em 2013, no Rio de Janeiro, na qual vivenciou a violência da polícia. Foi essa experiência que a motivou a desenvolver uma pesquisa sobre a mobilização social em questão. Considerando que a pesquisa autoetnográfica é tipicamente motivada por experiências pessoais como a acima referida, e realizada através de entrevistas de pesquisa, no presente estudo, nos propomos a discutir, por um lado, em que medida a referida pesquisa, realizada no campo dos estudos do discurso e da interação, teria aspectos autoetnográficos e, por outro lado, em que medida a reflexão sobre tais aspectos do estudo poderia contribuir para a investigação autoetnográfica em geral. Nesse sentido, vamos dirigir nosso olhar para algumas instâncias da pesquisa de tradição qualitativa, com especial atenção para a realização da entrevista de pesquisa, isto é, para a interação entre os participantes da situação de comunicação da entrevista (MISHLER, 1986).

Revisitaremos aqui a pesquisa acima mencionada (daqui em diante, ARAÚJO, 2015), que, como tradicionalmente ocorre no ambiente acadêmico, foi desenvolvida em colaboração por três pesquisadoras: a primeira autora do presente artigo, a segunda autora (orientadora da pesquisa de mestrado da primeira autora) e a Profa. Liana de Andrade Biar (coorientadora da pesquisa). Vamos discutir essa colaboração em diferentes momentos do processo de investigação, isto é, como os diferentes ‘eus’ participaram e se envolveram nas diversas instâncias da arquitetura da pesquisa. Vamos examinar, em especial, a realização das entrevistas que geraram os dados de análise da pesquisa de 2015. Em nosso entendimento, olhar para como se deram tais interações, e para as narrativas aí contadas, é fundamental para se pensar a dimensão autoetnográfica do trabalho.

Dentre as perguntas que orientaram a pesquisa de Araújo (2015), retomamos apenas a seguinte: *que significados são coconstruídos com a entrevistadora, tendo em vista sua atuação em movimentos sociais?* A essa pergunta, agora acrescentamos: *é possível se falar em um ‘nós’ autoetnográfico?* A nosso ver, as questões identitárias contidas nessas perguntas dizem respeito ao caráter autoetnográfico do trabalho. Em um estudo como o nosso, que se volta para a análise da fala em uma perspectiva sociointeracional, entendemos que é examinando a fala nas entrevistas (e as narrativas aí emergentes) que podemos aprofundar o conhecimento sobre o caráter autoetnográfico da presente pesquisa. Acreditamos que, com tais discussões, tocaremos em alguns pontos relevantes para questões clássicas do empreendimento antropológico, tanto o etnográfico quanto o autoetnográfico, que dizem

respeito à identidade do pesquisador e sua atuação no campo e à interação com o ‘outro’ pesquisado (COELHO, 2016). Além disso, tais discussões também incluem a formulação do texto/relatório de pesquisa como narrativa.

Para iniciar a discussão, na próxima seção, abordaremos, brevemente, algumas visões da autoetnografia e a relação de nossa pesquisa com tais visões. Na sequência, apresentaremos o contexto da pesquisa: as ocupações de 2013, realizadas no curso de manifestações políticas, durante as quais se deu a experiência autoetnográfica da primeira autora deste artigo. Depois de situar a linha de estudos da narrativa e da interação com a qual trabalhamos, discutiremos alguns fragmentos das interações entre entrevistadora/entrevistados que ocorreram nas entrevistas de pesquisa realizadas. Procuraremos observar como se relacionam os diferentes ‘eus’, suas identidades e conflitos, nas diferentes dimensões das interações.

## **1. Adentrando o universo autoetnográfico**

Situamos nosso trabalho em uma metodologia qualitativa interpretativa (DENZIN; LINCOLN, 2006), que busca entendimentos a respeito de como as formas de organização da sociedade relacionam-se com as atividades dos indivíduos no processo de fazer escolhas e de conduzir a ação social em conjunto. Tal perspectiva metodológica inspira-se no modelo etnográfico, que apresenta e traduz a prática da observação, da descrição e da análise das dinâmicas interativas e comunicacionais das diversas instâncias da vida em sociedade. Embora nosso estudo não se configure como uma etnografia tradicional (com uma permanência prolongada no campo, por exemplo), consideramos os aspectos acima citados para gerar e analisar dados, que, no nosso caso, consistem na fala emergente nas situações de comunicação do contexto da pesquisa.

Sendo assim, entendemos que a relação da primeira autora do artigo com o objeto de pesquisa é diferente daquela clássica, na qual os etnógrafos se inserem numa dada cultura para observá-la e descrevê-la objetivando recuperar uma perspectiva êmica. Como participante do contexto pesquisado, a primeira autora torna-se parte da pesquisa. Nesse sentido, o estudo assume uma dimensão autoetnográfica típica, ou seja, trata-se de uma etnografia fortemente ligada às vivências do próprio sujeito, que pesquisa em seu contexto social (BOSSLE; MOLINA NETO, 2009). Assim, pode-se também entender que, quando o etnógrafo, ao pesquisar o outro, está envolvido na pesquisa de si próprio (DUARTE; GOMES, 2008 *apud* OLIVEIRA, 2012), acontece aí uma experiência autoetnográfica. Essa experiência pessoal do pesquisador com o fenômeno em investigação (MENDEZ, 2013) é o que caracteriza a pesquisa autoetnográfica.

Além de buscar a apreensão da complexidade social do mundo no qual vive, interage e que dá sentido à sua cultura e à sua vida (ELLIS, 2004), entende-se que o autoetnógrafo considera, sempre de uma forma crítica, as suas vivências e memórias, aliadas às vivências dos outros participantes do contexto da pesquisa (VERSIANI, 2005). Para Berger e Ellis (2002), a autoetnografia é também um estilo de escrita e de pesquisa autobiográfica que conecta a experiência pessoal com a cultural. Com ela, o pesquisador não apenas observa o mundo à sua volta, mas, também, examina percepções internas e sentimentos acerca de seu lugar nesse mundo, uma vez que o sujeito que interpreta é o mesmo que expressa o significado e é o autor da investigação (REED-DANAHAY, 1997). Desse modo, na autoetnografia, o sujeito que pesquisa se aproxima de seu objeto de estudo, lidando com seus impulsos, sentimentos e emoções em relação ao seu objeto de investigação e à sua própria cultura. (BOSSLE; MOLINA NETO, 2009). Em resumo, dentre as diversas abordagens

existentes, fazer autoetnografia envolve um movimento de ida e volta entre examinar um *eu* vulnerável e observar o contexto mais amplo dessa experiência (ELLIS, 2004).

Em relação ao tradicional entendimento de que a autoetnografia é um estilo de escrita, um gênero de texto, ou uma narrativa da pesquisa autobiográfica (MENDEZ, 2013; BERGER; ELLIS, 2002; CLANDININ; CONELLY, 2011), gostaríamos de esclarecer que nossos relatórios de pesquisa<sup>3</sup> se fazem em articulação com o gênero acadêmico padrão: elaboramos narrativas (em primeira pessoa) de motivações de pesquisa (como a que abre o presente artigo), de entrada no campo, de contato com os pesquisados, de situações de comunicação, de geração de dados por meio de entrevistas etc, embora o formato geral do texto não seja, necessariamente, narrativo. Há ainda uma variação em relação a como se dá, na formulação textual, o diálogo com as perspectivas teóricas e metodológicas e também a como organizamos a sequência de capítulos (são exemplos disso, OLIVEIRA, 2012; CRISTÓVÃO, 2016). Nossos relatórios de pesquisa assumem o *eu* pesquisador em diferentes organizações e estratégias textuais, não havendo uma definição de que a escrita deva ser exclusivamente narrativa. Por outro lado, diferentemente de muitas pesquisas de caráter autoetnográfico, no nosso empreendimento investigativo, a narrativa (contada por participantes da pesquisa) é objeto de análise, e, para analisá-la, propomos parâmetros teóricos e metodológicos (ver seção *Interação e entrevista*, adiante). Identificamos episódios e trajetórias narrativas nos dados gerados em falas gravadas e transcritas (BASTOS, 2005). Essas diferentes visões do trabalho com a narrativa são um ponto importante a ser tratado, tendo em vista que o estilo do texto é tema tradicional nos estudos antropológicos, que remetem a questões centrais da pesquisa em ciências sociais em geral, tais como a autoridade do pesquisador, sua legitimidade e autoridade diante da experiência que relata (COELHO, 2016).

Em torno da proposta da pesquisa autoetnográfica, Reed-Danahay (1997) levanta valiosas questões, tais como: (1) o autoetnógrafo é um *insider* ou um estranho em relação ao fenômeno que descreve?; (2) que vozes estão presentes na pesquisa: quem está falando? São os indivíduos participantes da pesquisa ou o pesquisador?; (3) que deslocamentos culturais se fazem presentes? Possivelmente, algumas realidades estão sendo descritas por pessoas que foram deslocadas de seus ambientes devido a contingências políticas ou sociais, o que pode suscitar questões revelantes para o desenvolvimento da pesquisa. Tais questões, a nosso ver, abrem caminho para pensar a colaboração de pesquisadores no empreendimento autoetnográfico, como os seguintes questionamentos: é possível falar numa autoetnografia desenvolvida por mais de um investigador? Com diferentes vozes? É possível se falar em um ‘nós’ autoetnográfico? Ou de participantes mais ou menos *insiders* em relação ao contexto estudado?

Em uma investigação como a nossa, realizada em colaboração, entendemos que a presença das diferentes autoras se faz com maior ou menor intensidade em diferentes etapas dos procedimentos de pesquisa. Como já foi dito, a primeira autora do artigo é participante do contexto pesquisado e dela partiu a motivação inicial para o estudo. Nesse momento, se destacou, sobretudo, o *eu* da primeira autora, embora a motivação tenha ganhado forma a partir de discussões com as outras autoras. Já da etapa de planejamento da pesquisa, participaram mais ativamente as duas orientadoras, discutindo questões e caminhos possíveis, assim como articulações teóricas, instrumentos de geração de dados e categorias de análise. É uma etapa na qual destacamos o ‘nós’ da cooperação, pois as orientadoras se envolveram não

---

<sup>3</sup> Ver, por exemplo, a produção acadêmica de autores do GRPesq/CNPq – NAVIS (Narrativa e Interação Social), do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da PUC-Rio.

apenas com as orientações teóricas e metodológicas, mas também com a motivação da orientada, com a sua experiência e militância.

Na fase de desenho da pesquisa, especificamente na metodologia, entendemos que a entrevista seria um instrumento adequado. Trata-se de uma pesquisa voltada para a produção discursiva, entendida como a análise da fala nos diversos encontros da vida social, e para a emergência de narrativas nesses encontros. Acreditamos que, olhando para o discurso, podemos aprofundar o conhecimento do que acontece na vida social, mais em específico para o que acontece na interação entre os manifestantes na situação de entrevista. Entendemos que os Discursos não apenas representam a vida social, mas também a constituem, isto é, criam a vida social. As pessoas, ao construírem o significado agem no mundo por meio do discurso em relação aos seus interlocutores e, assim, se constroem e constroem os outros. Dessa forma, o discurso também pode ser entendido por sua força constitutiva e, portanto, como ação por meio da qual os indivíduos se constroem, constroem os outros e a vida social (MOITA LOPES, 2001). Na nossa perspectiva de pesquisa, a entrevista pode gerar dados muito produtivos para examinar a perspectiva dos participantes em relação a diferentes questões, que, no nosso caso, seria a visão dos manifestantes sobre a violência da polícia e sobre eles mesmos. Foi a primeira autora quem realizou as entrevistas, em sua condição de pesquisadora e manifestante (embora também com os ecos das discussões com as orientadoras nessa atividade). Essas interações constituem, a nosso ver, o cerne da pesquisa autoetnográfica, pois é nesse momento que entram em interação os diversos ‘eus’, em suas diversas dimensões, em diferentes graus de tensão, em diferentes arranjos.

Antes de apresentar alguns desses encontros, contextualizaremos, brevemente, as manifestações de 2013, as ocupações que nelas aconteceram, assim como a experiência de participação da primeira autora nesses eventos.

## **2. Contextualizando a experiência autoetnográfica – as manifestações e as ocupações de 2013**

### **2.1. As manifestações**

As manifestações tratadas no presente estudo inicialmente estavam associadas ao Movimento Passe Livre, em São Paulo, quando este grupo organizou um protesto contra o aumento da tarifa de transporte coletivo na primeira semana de junho de 2013. Na semana seguinte, manifestações da mesma natureza se espalharam por outras grandes cidades brasileiras, com pauta significativamente ampliada para reivindicações acerca da corrupção, da melhoria na oferta de serviços públicos, e dos gastos com a Copa do Mundo de 2014, por exemplo. Denominadas Jornadas de Junho, essas manifestações apresentaram muitas semelhanças com diversos protestos ao redor do mundo<sup>4</sup> que, desde 2011, tiveram, segundo Castells (2013), ligação com a chamada crise da representatividade, expressa na desconfiança e no descontentamento por parte da população com as formas de governo democráticas atuais. Dentre as semelhanças formais entre essas manifestações, destacam-se o uso ostensivo das redes sociais para disseminação das informações e convocação dos protestos, as ocupações de rua e o cunho apartidário.

No Rio de Janeiro, os protestos contra o aumento da tarifa de ônibus (de R\$2,75 para R\$2,95) foram iniciados no dia 10 de junho de 2013. Em um primeiro momento, as

---

<sup>4</sup> Na África do Norte, os protestos de 2011 assumiram caráter de revolução democrática, colocando fim às ditaduras; na América Latina, as manifestações nesse mesmo período expressaram a reivindicação estudantil por educação pública e gratuita no Chile; e, no Brasil, em 2013, a reivindicação pela diminuição da tarifa de transporte coletivo.

manifestações foram duramente reprimidas, sem grande adesão da população e sem cobertura expressiva da mídia corporativa<sup>5</sup>. Num segundo momento, quando o movimento tomou uma grande proporção e contou com a adesão popular, a grande mídia não só noticiava as manifestações e a repressão policial como também divulgava o horário e a data dos atos convocados pela internet. Os protestos, normalmente, se iniciavam de forma pacífica, inclusive com o *slogan* “sem violência”, e terminavam com confrontos violentos entre manifestantes e policiais. Tais confrontos começavam ora pela tentativa dos policiais de dispersar a manifestação, ora pela tentativa de depredação de algum patrimônio por parte de certos grupos de manifestantes.

O aumento das passagens foi revogado no Rio de Janeiro no dia 19 de junho. Entretanto, no dia seguinte, 20 de junho, em centenas de cidades pelo Brasil, milhares de brasileiros foram às ruas protestar com diversas exigências, como melhorias em setores como saúde e educação, dentre outros. No Rio, a manifestação foi acompanhada por intensa repressão da polícia militar. O uso indiscriminado de bombas de gás lacrimogêneo, *sprays* de pimenta e balas de borracha atingiu tanto os que participavam da manifestação quanto os que simplesmente passavam pelo local. Após esse dia, aconteceu um expressivo esvaziamento das ruas, embora os protestos pela cidade do Rio não se encerrassem ali.

Nesse momento, as ocupações de rua continuaram alimentando as demandas surgidas durante as manifestações, ainda que com uma adesão menor. Os coletivos de mídia alternativa também foram se solidificando ao participarem das ocupações<sup>6</sup>. Vale ressaltar que as ocupações fomentaram um novo tipo de interação entre os manifestantes, criando redes de solidariedade e significados próprios, como a importância da permanência no movimento, encarado pelos seus participantes como uma forma de resistência.

Para o historiador Lincoln Secco (2013), o papel da polícia foi decisivo para o aumento da adesão popular aos protestos, pois, quatro dias após a violenta repressão policial de 13 de junho, em São Paulo, aconteceu a manifestação que contou com o maior número de pessoas até então. Segundo o historiador, a apropriação dessa violência pela mídia pode ter trazido visibilidade ao movimento, uma vez que se registrou o ataque por parte da polícia a jornalistas e a um movimento com composição social aparente de “classe média”. Tal situação pode ter estimulado a solidariedade de outros segmentos da população ao movimento. O cientista social Mauro Iasi (2013) também concorda com a leitura de que a violência policial foi importante para a adesão ao movimento em diversas cidades, pois funcionou como um catalisador das contradições já existente no país.

Sobre a composição dos manifestantes nas ruas em junho, a grande mídia vinha divulgando que se tratava de jovens estudantes, oriundos da classe média. Uma pesquisa realizada no Rio de Janeiro<sup>7</sup> durante a manifestação do dia 20 de junho apontava para a presença uma maioria constituída por jovens e trabalhadores. Para o cientista político André Singer (2013), nas manifestações de junho estavam presentes tanto uma classe média tradicional, inconformada com diferentes aspectos da realidade nacional, quanto o que ele denomina de novo proletariado, constituído por trabalhadores, em geral jovens, que conseguiram emprego com carteira assinada na década lulista (2003-2013), mas que sofrem com baixa remuneração, alta rotatividade e más condições de trabalho. Para este autor, os protestos do período estudado são um reflexo das insatisfações desses dois grupos. Tal

---

<sup>5</sup> Telejornais como o Jornal Nacional, transmitido pela Rede Globo, e o Jornal da Record, transmitido pela Rede Record.

<sup>6</sup> Ver 2.2. As ocupações.

<sup>7</sup> A pesquisa foi encomendada pela Clave de Fá Pesquisas e Projetos, que contratou três empresas e divulgou, por meio da Band News, os resultados da pesquisa realizada durante a passeata de 20 de junho.

entendimento expressa a heterogeneidade dos grupos presentes no movimento, justificando a amplitude de reivindicações.

É sobre a fala desses manifestantes tão distintos entre si que nossas reflexões se debruçam na análise dos dados.

## **2.2. As ocupações<sup>8</sup>**

Como mencionado na seção anterior, após as primeiras manifestações de junho de 2013, iniciou-se um outro tipo de protesto, as ocupações de rua. Em frente à casa do então governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral Filho, manifestantes montaram um acampamento com o propósito de pressionar o governador para que medidas com relação à violência praticada pela polícia nas manifestações fossem tomadas, e também de reivindicar melhorias em diversos serviços como saúde e educação. Na mesma época, outros manifestantes iniciaram uma ocupação (interna, inicialmente) na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, com a intenção de exigir que fosse realizada uma CPI para investigar os contratos de licitação das empresas de ônibus na cidade. Passados alguns dias, os manifestantes foram retirados, de forma pacífica, de dentro do prédio, mas permaneceram acampados em frente ao local por cerca de dois meses.

Nas duas ocupações brevemente contextualizadas, era comum a permanência de pessoas que apoiavam o movimento, ainda que não ficassem acampadas. Era comum também a chegada de indivíduos pertencentes a diversas camadas da sociedade, interessados em saber do que se tratava o movimento. As pessoas que se achegavam às ocupações acabavam sendo envolvidas em conversas que traziam denúncias e questionavam as práticas políticas e econômicas ligadas não apenas à cidade e ao estado do Rio de Janeiro, mas ao país em geral.

Além das ocupações, surgiram, na mesma época, diversos coletivos de mídia alternativa que promoviam atividades culturais de diversos tipos, como debates, palestras, exibição de filmes, peças teatrais –, eventos que colaborassem para a discussão dos problemas políticos e econômicos do país. Tais coletivos propunham uma organização horizontal e buscavam delinear suas ações em conjunto, visando a inexistência de lideranças ou hierarquia. Assim, cada indivíduo engajado em um coletivo teria autonomia e poder de decisão – uma ideia que se alinha com a democracia direta, em que cada indivíduo representa a si próprio e a tomada de decisões se dá por meio de assembleias gerais. Muitos desses coletivos se engajavam nas pautas de reivindicações das ocupações. Alguns deles propunham uma alternativa de mídia, isto é, buscavam noticiar em páginas nas redes sociais o que acontecia nas manifestações com uma narrativa própria. Enquanto militante e pesquisadora, numa atuação que combinava esses dois papéis, a primeira autora participou das duas ocupações e, por meio da rede de relacionamentos que foi estabelecendo nesses locais, ela se engajou em um coletivo de mídia alternativa.

## **3. Introduzindo os parâmetros da análise: narrativa e interação dos manifestantes nas entrevistas**

### **3.1. Interação e entrevista**

Em Araújo (2015), foi sob a lente da Análise de Narrativa (MISHLER, 2002; BASTOS, 2005; BASTOS; BIAR, 2015) que examinamos como manifestantes entrevistados

---

<sup>8</sup> As descrições sobre o contexto da pesquisa contidas nesta seção são baseadas no trabalho etnográfico desenvolvido pela primeira autora do artigo entre os meses de junho e outubro de 2013.

relacionam a repressão violenta da polícia vivenciada nas manifestações com as identidades que eles reivindicam para si ao narrarem suas histórias para uma outra manifestante, participante do mesmo contexto que eles. Tal perspectiva de análise se alinha ao entendimento de que a narrativa acontece na interação – no nosso caso, na interação da situação de entrevista. Entendemos, portanto, que as narrativas emergem na sequência dos turnos, em um determinado contexto, no qual os significados são construídos pela ação em conjunto de participantes envolvidos em práticas discursivas, situados na história, na cultura e nas instituições (MOITA LOPES, 2001). É de acordo com essa abordagem socioconstrucionista que, no presente estudo, revisitamos alguns dados de Araújo (2015) para observar como se dá o ‘encontro autoetnográfico’ entre os ‘eus’ da pesquisa.

Goffman ([1964] 2002) nos convida ao exame da situação social como cenário de uma dada pesquisa. A situação social não possui propriedades e estruturas estáticas e cristalizadas; no entanto, ela marca a relação entre a fala das pessoas, os seus gestos e as suas atribuições sociais. Ela pode ser definida como “um ambiente que proporciona possibilidades mútuas de monitoramento” (GOFFMAN [1964] 2002, p. 17). Decorre disso que a situação social é cossustentada e os participantes estão constantemente obedecendo a regras socialmente organizadas, recriando essas regras e monitorando uns aos outros.

Uma noção importante para a análise da interação social é a de enquadre. Com ela, Goffman descreve os modos pelos quais o discurso se organiza e se orienta para aquilo que está acontecendo em uma interação. Sem o enquadre, nenhuma elocução (ou movimento, ou gesto) poderia ser interpretada (RIBEIRO, GARCEZ 2002). Portanto, o enquadre “refere-se à percepção de qual atividade está sendo encenada, de qual sentido os falantes dão ao que dizem” (TANNEN; WALLAT, [1987] 2002, p. 189). Os participantes de uma interação vão modificando o seu modo de falar, quando não o que estão dizendo, em função da dinâmica interacional que vai se estabelecendo ao longo do encontro. Nessa dinâmica, as pessoas “identificam os quadros em interação pela associação de pistas linguísticas e paralinguísticas – a maneira como as palavras são ditas – e não apenas pelo que as palavras significam” (TANNEN; WALLAT, [1987] 2002, p. 192). Os quadros não só emergem de interações verbais e não-verbais, como são por elas constituídos e alterados. São, portanto, dinâmicos, pois são negociáveis e modificados ao longo da interação.

Aliada à noção de enquadre, Goffman ([1979] 2002) traz a de *footing*, que representa o alinhamento que os indivíduos estabelecem para si e para os outros em uma situação (TANNEN; WALLAT, [1987] 2002). É o *footing* que sinaliza a maneira como os indivíduos gerenciam a produção e/ou a recepção das elocuições, como emergem na interação social e assim são negociados, ratificados (ou não), cossustentados e modificados.

Dessa forma, os participantes de uma interação ajustam suas falas à dinâmica interacional que vai se estabelecendo ao longo do encontro. Tais ajustes fazem referência à forma como os indivíduos se alinham uns aos outros e aos significados que estão sendo construídos na interação, e assim projetam seus ‘eus’ no curso da interação.

Quanto à entrevista, seguimos Mishler (1986), que a concebe como um tipo de interação social. Desse modo, o que os participantes dizem em uma entrevista está intimamente relacionado a toda uma situação – o que se fala, para quem e em qual contexto – questões que permeiam qualquer interação. No caso das interações em análise, os significados construídos entre a pesquisadora e os participantes se entrelaçam no contexto do qual fazem parte. Em outras palavras, os significados são compreendidos como resultado dos processos sociointeracionais nos quais os indivíduos engajam-se para buscar entendimentos da vida social que os cerca (MOITA LOPES, 2003).

Na análise que se segue, examinaremos os alinhamentos entre participantes, considerando a sequência de turnos na interação a partir de uma ótica sociointeracional. Para tanto, compreendemos que os participantes monitoram o turno de fala e analisam que tipo de ação ou ações os falantes estão realizando para se alinharem discursivamente. Nesse sentido, a sequencialidade aparece como um dos aspectos fundamentais para se compreender que, quando uma pessoa fala, ela está levando em consideração o que foi dito anteriormente por outra pessoa (SILVA; ANDRADE; OSTERMANN, 2009). A observação dessa sequência permite a identificação e a análise de fenômenos linguísticos, além da organização e as características da fala em interação. Dessa maneira, é possível compreender as ações que estão sendo realizadas numa interação.

### **3.2. Narrativas e identidades**

Como já mencionado na introdução, a presente análise se faz com um olhar narrativo. Os estudos das narrativas cotidianas e em entrevistas de pesquisa foram inaugurados por Labov (1972), para quem a narrativa é um método para recapitular experiências passadas a partir de uma sequência temporal de eventos que (infere-se) realmente ocorreram. Na visão desse autor, uma narrativa precisa conter um ponto, isto é, apresentar uma razão para ser contada, precisa de algum fato que o narrador julgue relevante que os outros saibam. Ele identifica uma estrutura narrativa composta por vários elementos, que vão além de início, meio e fim. São eles: resumo (sumário da história), orientação (situa a história, identifica o local e o período em que ocorreu e os participantes), ação complicadora (sequência temporal dos eventos, com verbos no passado), avaliação (remete ao ponto da narrativa, e ao porquê de a história ser contada), resolução (apresenta o que aconteceu após as ações complicadoras) e coda (marca o fim da narrativa e também traz a conversa de volta para o presente). Interessam-nos, em nosso estudo, sobretudo os momentos orientacionais e avaliativos das narrativas.

Esclarecemos, contudo, que nos alinhamos muitas das críticas ao modelo narrativo laboviano (LINDE, 1995; MISHLER, 2002; BASTOS, 2005), como, por exemplo, consideramos especialmente problemático o tratamento da narrativa como um texto autônomo, organizado em uma sequência de unidades sintáticas que recapitulam o que aconteceu. No entanto, também como muitos estudiosos da narrativa, nos utilizamos de termos do vocabulário laboviano (sumariamente apresentado no parágrafo anterior), mesmo para tratar de segmentos de fala que não se constituíam, para Labov, em uma narrativa.

Narrar é também uma forma de construir identidades. A identidade pode ser definida como um termo coletivo, que faz referência à organização dinâmica de sub-identidades que podem conflitar entre si ou se alinhar (MISHLER, 1999). Segundo a perspectiva construcionista, as identidades são elaboradas em movimento, nas tensões da vida social em fluxo (BAUMAN, 2005). Dado o dinamismo dessas interações e dos contextos nos quais o indivíduo circula, alguns traços identitários podem se tornar mais relevantes do que outros, o que assinala o caráter mutável das identidades. É também na interação que os indivíduos gerenciam as impressões que transmitem aos seus interlocutores, rotineiramente buscando projetar imagens favoráveis de si mesmos (GOFFMAN, [1959] 2008).

Destacamos também que, nas interações sociais e no jogo identitário que aí se instaura, a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativa a outras identidades (SILVA, 2000). Essa marcação é o meio pelo qual damos sentido a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem se inclui nos diversos agrupamentos e

hierarquias sociais – *outsiders e insiders*. É, pois, por meio de classificações como essas que as diferenças são vividas na sociedade (WOODWARD, 2000).

Na análise que se segue, observaremos fragmentos das interações entre manifestantes, para, entre outras coisas, examinar como o sentido de inclusão – ou de um ‘nós’ – é construído nas entrevistas.

#### **4. Narrando a violência policial**

##### **4.1. Os entrevistados narradores**

Foi no contexto das ocupações apresentadas que a primeira autora fez contato com os manifestantes entrevistados, Elaine e Rodrigo (nomes fictícios). As narrativas analisadas a seguir emergiram nas entrevistas realizadas nesse contexto. A primeira entrevista foi realizada com Elaine em uma das ocupações no dia 24 de agosto de 2013. Já a entrevista com Rodrigo se deu em uma lanchonete na Zona Sul da cidade, no dia 5 de outubro, após uma truculenta ação da polícia para a retirada forçada dos professores que estavam ocupando a parte interna da Câmara Municipal. Selecionamos uma narrativa de cada entrevista para gerar reflexões sobre a relação que o estudo tem com a etnografia/autoetnografia. Os fragmentos selecionados têm relação com as perguntas de pesquisa delineadas no presente artigo: *que significados são coconstruídos com a entrevistadora, tendo em vista sua atuação em movimentos sociais? É possível se falar em um ‘nós’ autoetnográfico?*

Elaine era uma manifestante engajada nessas ocupações, com quem a primeira autora tinha um contato mais próximo, o que se deduz pela descontração da situação de entrevista, que ocorreu em agosto de 2013, em uma das ocupações de rua de que entrevistadora e entrevistada participavam. As narrativas mais recorrentes da entrevista tematizavam episódios violentos vivenciados por Elaine no curso das manifestações. A seguir, daremos destaque a uma dessas narrativas.

Elaine é moradora da Zona Oeste do município do Rio de Janeiro, região composta por muitos bairros pobres e distantes do centro da cidade. Embora a participante não diga pertencer a um grupo socioeconômico específico, sua origem geográfica e estilizações discursivas nos autorizam a supor que ela provenha de uma camada mais popular.

Já Rodrigo era um ativista mais ligado ao contexto de mídia alternativa, com quem a primeira autora tinha um contato esporádico nos trabalhos que desenvolviam em conjunto por conta das intervenções promovidas pelos coletivos dos quais faziam parte no período estudado. Rodrigo é morador da Zona Sul do Rio de Janeiro e se apresenta – palavras dele – como um membro da “classe média”. A entrevista com ele se deu em um encontro marcado em uma lanchonete na cidade do Rio de Janeiro, em outubro de 2013. Nela, Rodrigo narra a atuação da polícia nas manifestações.

Esses participantes foram escolhidos em função de suas atuações no contexto da pesquisa. Elaine, por ser ativa nas ocupações; Rodrigo, por atuar nos coletivos de mídia alternativa. Embora dentro do mesmo propósito – pressionar o governo para obter melhorias em diversos setores da sociedade –, esses dois manifestantes, oriundos de diferentes classes sociais, dão ênfase a formas distintas de protesto, o que traz a possibilidade de ampliação dos nossos entendimentos acerca das manifestações e da violência policial.

## 4.2. As interações

A seguir, apresentaremos excertos selecionados das entrevistas realizadas com os dois manifestantes<sup>9</sup>. Começaremos com a de Elaine. Observaremos como o alinhamento (GOFFMAN, [1979] 2002) é construído entre a entrevistadora e a manifestante por meio das concordâncias estabelecidas no turno a turno ao longo da entrevista. A partir da interpretação de alguns recursos formais do modelo de narrativa laboviano, como a construção do ponto e das avaliações, veremos como entrevistados e entrevistadora organizam os eventos que experienciaram (BRUNER, [1990] 1997) durante as manifestações, ao mesmo tempo que constroem suas identidades, na interação entre os ‘eus’ na situação de comunicação da entrevista.

## 4.3. Elaine e a perseguição policial

A entrevista com Elaine foi marcada pelo interesse em elucidar narrativas; por esse motivo, a entrevistadora já abre a entrevista solicitando uma história.

### Excerto 1 – “a experiência mais tensa”

01 **Etyelle** eu só queria tipo ouvir: ãh: sei lá(.), qual(.) o:  
02 >maior< embate que você já teve com relação a:  
03 >ações< da polícia? qual foi, ãhn: sei lá, a:  
04 experiência mais: tensa, que você já teve

Para responder a essa questão sobre sua *experiência mais: tensa* (l. 4), Elaine, em uma fala com pausas, repetições e expressões como *°deixa eu pensar°*, *e eu acho que*, enuncia que *foi o dia 20 (.) da prefeitura*. A essa orientação: *dia 20 (.) da prefeitura-*, a entrevistadora responde com o reconhecimento da ocasião, conforme excerto abaixo:

### Exceto 2 – “foi perseguição mesmo”

13 **Elaine** °deixa eu pensar° (3.0) cara, eu acho que o dia mais,  
14 >que eu fiquei mais assustada com a repressão  
15 policial< foi o dia 20 (.) da prefeitura  
16 **Etyelle** aquela do::  
17 **Elaine** foi o dia da prefeitura  
18 **Etyelle** ahã, ahã  
19 **Elaine** °do choque na prefeitura° (2.) foi realmente  
20 assustador  
21 **Etyelle** por quê?  
22 **Elaine** foi perseguição mesmo, sabe com a intenção, quer  
23 dizer, a intenção nunca foi dispersar, naquele dia  
24 ficou bem claro, é:, qualquer grupo de cinco pessoas  
25 que tivesse indo embora eram atacadas. é:  
26 **Etyelle** foi aquele que foram encurralando a gente até a::  
27 presidente [vargas  
28 **Elaine** foi, até qualquer lugar]  
29 **Etyelle** até onde você conseguisse fugir  
30 **Elaine** até a porta da sua casa.

<sup>9</sup> Os dados gerados nas entrevistas foram transcritos segundo uma simplificação e adaptação do modelo Jefferson de transcrição (cf. LODER, 2008), disponível em anexo.

31 **Etyelle** É hh exato hh  
 32 **Elaine** E: (.) nossa e: aquele dia eu vi senhoras, senhores,  
 33 eu vi crianças passando mal. sendo ataçadas eu vi  
 34 gente ferida gravemente do meu lado assim e a  
 35 multidão correndo, >correndo não< não tinha espaço  
 36 pra correr, era muita gente  
 37 (7.0)  
 38 **Etyelle** esse dia foi aquele que: a gente foi atacado na  
 39 cedae, ali? foi uma quinta-feira  
 40 **Elaine** Tinha caveirão pra caralho na rua  
 41 **Etyelle** isso, isso mesmo, [o choque

Ao dizer *aquela do:* (l. 16), a entrevistadora apresenta seu reconhecimento da ocasião em questão e, nos turnos seguintes, vai anunciando o seu alinhamento com a avaliação produzida por Elaine como a manifestação mais assustadora, a mais tensa. Observando o turno a turno nas linhas 17 a 20, percebemos que a primeira autora e a entrevistada coconstruem o alinhamento em relação ao evento narrado, fazendo uso de concordância e repetições. Elaine repete a orientação *foi o dia da prefeitura* (l. 17). A entrevistadora concorda, *ahãm, ahãm*. Por fim, a manifestante explicita mais um pouco a orientação *do choque na prefeitura*<sup>o</sup> e, seguida de uma pausa, produz uma avaliação: (2.) *foi realmente assustador*.

Dessa forma, identidades são coconstruídas entre as duas: são ambas manifestantes, reconhecem um determinado evento como o mais violento, concordam em relação à violência da polícia e produzem significados sobre ela.

É esse o momento do encontro etnográfico, no qual a vivência do sujeito pesquisador é coconstruída junto a Elaine. Nessa interação, a pesquisadora se coconstrói como participante do contexto em pauta, em alinhamento com a participante entrevistada. Entendemos que é aí que se coconstrói a experiência autoetnográfica, que, em etapas futuras dos procedimentos de pesquisa, será interpretada, descrita, apresentada a outros pesquisadores, publicada etc.

Elaine conta sua história de experiência com a violência da polícia em um ambiente acolhedor ao seu relato. No curso da identificação conjunta de circunstâncias do evento relatado (orientação, em termos labovianos), Elaine inicia sua narrativa de maneira não canônica, construída sobretudo por orientações, avaliações (LABOV, 1972) e um sentido de sequência temporal. Seu relato é fortemente avaliativo, já introduzido pelo comentário avaliativo *foi perseguição mesmo*. No turno a turno (l. 26 a 31), percebemos que a primeira autora concorda com a forma como a manifestante enquadra a dispersão da manifestação, pois, na tentativa de coconstruir mais orientações sobre o evento narrado por Elaine, a entrevistadora coconstrói com ela um cenário de perseguição para a atuação da polícia naquele dia: *foi aquele que foram encurralando a gente até a:: presidente [vargas ; foi, até qualquer lugar]; até onde você conseguiu fugir até a porta da sua casa.; É hh exato hh*

Na sequência da narrativa, é possível observar as avaliações que Elaine produz por meio da prosódia, quando ela acentua que viu *senhoras, senhores, eu vi crianças passando mal. sendo atacadas*. Ela avalia a tentativa de dispersão da polícia como um ataque à população, o que colabora para uma construção de uma dicotomia policiais *versus* manifestantes. Enquanto a polícia ‘ataca’, ‘persegue’, ‘encurrala’; os manifestantes ‘tentam fugir’, ‘correm’. Sob a perspectiva da autoetnografia, compreendemos que o compartilhamento das informações referentes à manifestação do dia 20 de junho ajuda a confirmar o alinhamento da entrevistadora à experiência vivida por Elaine naquele dia.

A primeira autora ratifica a avaliação feita por Elaine ao fazer, também, uso do termo ‘atacado’ (l. 38) e se alinha com a manifestante, coconstruindo mais orientações sobre o

evento narrado. Elaine concorda e providencia mais um elemento de orientação: *isso, isso mesmo, [o choque]*.

A coconstrução do evento narrado traz à tona o alinhamento que se estabelece entre as participantes com relação às avaliações feitas pela entrevistada, que produzem significados compartilhados para o evento narrado. A esse respeito, destacamos ainda que os manifestantes e participantes das ocupações, em geral, localizam espacial e temporalmente as manifestações – por exemplo, o dia 20 de junho é conhecido como ‘o dia da prefeitura’; o dia 17 de junho, como ‘o dia da Alerj’; o dia 17 de julho, como ‘o dia da Taylor’. Essas orientações sinalizam que eles compartilham conhecimentos sobre a forma como os eventos ocorridos nesses dias foram/são construídos. Em outras palavras, observando como essas orientações são construídas no turno a turno dessa interação, entendemos como as dimensões autoetnográficas vão permeando a pesquisa, pois as coconstruções de significados estabelecidas entre a entrevistadora e Elaine reforçam as identidades da entrevistadora enquanto participante do contexto pesquisado, dividindo com a entrevistada os conhecimentos compartilhados entre os participantes das ocupações e manifestações.

Se a autoetnografia demonstra a importância de se destacar as vivências do próprio sujeito pesquisador na pesquisa, acrescentando, a esse processo de interlocução com outros, a interação e o reconhecimento de sua própria vivência, seus saberes e memórias (VERSIANI, 2005), entendemos que a forma como a interação ocorre e a participação da pesquisadora na coconstrução das orientações do evento narrado por Elaine são coerentes com a dimensão autoetnográfica da pesquisa. Destacamos que, nesse trecho da narrativa, é possível perceber a aproximação dos sentimentos e emoções da pesquisadora em relação ao objeto de pesquisa (ELLIS, 2004): foi a manifestação do dia 20, a mesma narrada pela entrevistada, e da qual a pesquisadora também participou como militante, que suscitou o desejo da primeira autora pelo objeto de estudo no presente artigo.

Ainda em relação ao alinhamento e à coconstrução entre entrevistadora e entrevistada, observemos, nos próximos excertos, como ambas compartilham identidades e entendimentos sobre as ações da polícia:

### Excerto 3 – “deixaram solto na alerj”

132 Elaine eles soltaram, eles deixaram solto na alerj pra poder  
133 ter um motivo pra repressão no dia vinte, pras  
134 pessoas, que foi depois disso que as pessoas não  
135 voltaram mais pras ruas  
136 Etyelle pois é né, é mesmo

### Excerto 4 – “tirou a população da rua”

142 Elaine esse dia pra mim, ele é, é, um ponto chave, que foi  
143 depois desse dia que somente a galera da resistência  
144 permaneceu,  
145 Etyelle tirou a população da rua.  
146 Elaine =tirou a população da rua ninguém mais voltou

Nos excertos 3 e 4, percebemos como o alinhamento entre as participantes é construído na concordância em *pois é né, é mesmo* (3 – l. 136) e na repetição *=tirou a população da rua ninguém mais voltou* (4 – l. 146).

Elaine considera o dia 20 “um ponto chave” (l. 142) para o entendimento do chamado ‘esvaziamento das ruas’, quando os protestos já não reuniam mais um grande contingente de

pessoas. Ela e a primeira autora cocostroem o significado do evento narrado (l. 145 e 146) e se alinham à compreensão de que o papel da violência policial na repressão naquele dia foi crucial para o esvaziamento das manifestações, ou seja, fez com que a população deixasse as ruas, que passaram a ser ocupadas apenas, pela ‘galera da resistência’. Esse excerto também carrega mais um alinhamento entre Elaine e a entrevistadora: ambas, ao permanecerem nas ruas apesar da violenta repressão policial, são parte dessa “galera que resiste”.

Conforme já dissemos na análise do excerto 2, o evento que Elaine considera o ‘mais assustador’ é o mesmo que motivou a primeira autora a desenvolver o presente artigo. De acordo com o que comentamos na introdução, a pesquisadora adentrou o campo de pesquisa com o intuito de entender a ação da polícia nos protestos a partir de sua experiência no dia 20 de junho. Quando Elaine elege esse mesmo dia ‘o pior dia de repressão’ e ainda explicita que entende que o ‘esvaziamento das ruas’ está ligado à violência neste dia, percebemos que as vivências e memórias da pesquisadora se aliam às vivências da entrevistada.

Por fim, Elaine compartilha com a primeira autora do artigo a militância, isto é, percebemos que elas são a ‘galera da resistência’, que reivindicam, juntas, o pertencimento a essa coletividade (‘a galera da resistência’). O contexto compartilhado entre a entrevistadora e Elaine possibilita a coconstrução das orientações e das avaliações na narrativa, o que consideramos índice da coesão do grupo de frequentadores das ocupações, e ressalta a dimensão autoenográfica em nosso artigo, pois a pesquisadora participa desse grupo. Apesar das diferenças entre os indivíduos que participavam de alguma forma das ocupações, o uso de determinados termos e referências são de conhecimento de grande parte desses indivíduos, pois compartilhavam aquele contexto específico.

Passaremos agora à análise dos dados gerados na entrevista realizada com Rodrigo, um manifestante que, como já observamos, é engajado nos coletivos de mídia alternativa.

#### 4.4. Rodrigo e o engajamento da classe média

No curso da entrevista, Rodrigo fala sobre as ações da polícia. Ele conta algumas histórias sobre o dia em que foi detido durante uma manifestação e faz avaliações acerca de sua experiência. Entendemos que a exposição inicial de Rodrigo, no excerto 6, é orientada pela forma como a primeira autora inicia a entrevista, a seguir:

##### Excerto 5 – “somos nós que estamos errados”

20 **Etyelle** assim, eu queria entender. como que as pessoas estão:  
21 enxergando o que a polícia tá fazendo., a polícia tá  
22 certa? a polícia tá errada. tá mais ou me:nos. somos nós  
23 que estamos errados >na forma como estamos conduzindo< as  
24 coisas, né. >num sei, assim,< eu queria que você falasse  
25 sobre as suas opiniões, histórias, sentimentos

Ao indagar sobre quem estaria certo ou errado na condução das ações relativas às manifestações, a entrevistadora antecipa dois lados da situação com base no dualismo: nós (os manifestantes, que agimos ‘certo’) *versus* os outros (a polícia, que age ‘errado’). Portanto, a forma como ela inicia a entrevista traz à tona a dimensão autoenográfica da pesquisa, pois, como pesquisadora participante e manifestante, ela expressa o significado das ações do ‘nós’ e da polícia com base no binarismo certos *versus* errados. Ao colocar esses dois grupos em oposição, ela cria o contexto para a apresentação de Rodrigo sobre o tópico.

Durante a sua fala, Rodrigo expõe o que entende como atuação da polícia, em incursões nas comunidades e outras atividades. Recortamos alguns trechos da fala de Rodrigo

que colaboram para o entendimento de como ele concebe a atuação da polícia nas manifestações:

#### Excerto 6 – “qualquer manifestação que você fizer, a polícia vai estar lá”

40 **Rodrigo** qualquer manifestação que você fizer contra o Estado,  
41 contra os símbolos de poder, contra as pessoas que  
42 comandam esses dinheiros e recursos e. enfim, tudo, a  
43 polícia vai estar lá e ela vai estar sempre na mesma  
44 posição defendendo aquelas pessoas e não o povo, e não a  
45 população,

Nessa primeira exposição, Rodrigo resume o seu entendimento acerca do fato de a polícia ter se tornado mais uma das pautas de reivindicação nas manifestações. Ele constrói a corporação como a favor de um determinado grupo – pessoas ricas e influentes (l. 41 a 44) – e contra a população, ou seja, a polícia está nas manifestações para proteger os interesses da classe dominante. Com essa fala, Rodrigo se alinha à dicotomia com a qual a entrevista é iniciada, colocando a polícia como errada, em concordância com a oposição polícia *versus* manifestantes. Trata-se de um movimento similar ao de Elaine, que construiu a sua visão dos policiais segundo essa mesma dicotomia.

O próximo excerto a ser analisado se inicia com comentários avaliativos acerca dos sentimentos e das emoções de Rodrigo enquanto era conduzido até a delegacia policial, após ser detido em uma manifestação. Aqui, analisaremos as construções identitárias do entrevistado em função da interação desenhada entre ele e a primeira autora e do que eles têm em comum: a participação nos protestos e nos coletivos de mídia alternativa. Integra tais construções identitárias uma narrativa hipotética (l. 227 a 233), composta, basicamente, de falas entre um possível manifestante e um possível policial.

#### Excerto 7 – “até pouco tempo eu não era um inimigo do Estado”

211 **Rodrigo** no escuro, o tipo de tortura assim, de, já ouvi de  
212 gente que leva >tiro no pé, tiro na mão< é, é o tipo  
213 de abuso >que as pessoas devem sofrer ali< assim é  
214 muito chocante, muito chocante, assim, mas é porque eu  
215 sempre tive contato com com fave:la, com organizações,  
216 associações, é enfim, espontâneo, eu não tenho nenhum  
217 contato direto, não faço, eu sempre faço algum  
218 trabalho, alguma coisa, é alguma, algum debate, eu  
219 sempre, essa discussão tá sempre muito aí pra mim  
220 assim, eu sempre ouço muita, muito relato assim  
221 ((estalo de dedos)) então eu tenho noção do que que é  
222 aquilo e >quando acontece com você< é: muito estranho  
223 porque: e eu acho que é isso que tá acontecendo com  
224 grande parte da classe média ou essas pessoas que  
225 >estão se manifestando< você começa a ver um cara  
226 atirando em você, você ‘cara eu num to fazendo nada’,  
227 você tá com a mão pra cima, ‘sem violência’ e ele tá  
228 mirando e mandando ‘sai daqui’, cara mas, eu num fiz  
229 Nada pra que chegasse nesse ponto eu num matei um  
230 monte de gente e cheguei agora e pedi ‘sem violência’,  
231 e as pessoas estão tendo noção de como é a forma da  
232 polícia, é, é, ela tem uma ordem, ela age nessa ordem  
233 e essa ordem protege a a um grupo de pessoas,

Nesse fragmento, Rodrigo traz uma narrativa não canônica, nos termos labovianos, sobre uma abordagem policial hipotética, construída a partir de relatos que ouviu ao longo dos trabalhos que realizou na favela. Ele reconstrói uma cena que acontece com frequência nas favelas e, com o uso de avaliações (LABOV, 1972; BASTOS, 2005), ele costura essa cena com a sua experiência pessoal, com a abordagem policial que vivenciou nas manifestações. Com isso, ele exemplifica a forma como entende a atuação da polícia e se alinha à orientação dada pela entrevistadora na pergunta inicial (excerto 5), ao construir os policiais como violentos e defensores de um determinado grupo de pessoas. A análise desse excerto focaliza quem é o interlocutor e que discursos articula na interação em situação de entrevista.

Segundo o trabalho etnográfico realizado pela primeira autora deste artigo, durante as reuniões e eventos nas ocupações, os participantes projetavam identidades que destacassem o engajamento nos protestos do período e em movimentos sociais. Dessa forma, é possível perceber que, nas linhas 211 a 214, Rodrigo projeta a sua identidade de manifestante sob uma luz favorável (GOFFMAN, [1959] 2008) diante de outra manifestante, ao se construir como um indivíduo que possui compaixão pelo sofrimento do favelado face a prisões arbitrárias. Rodrigo, embora pertencente à classe média, busca um distanciamento da caracterização ‘manifestante classe média’, em favor de sua construção como um indivíduo politicamente engajado, que entende que a repressão que se dá no asfalto é, por assim dizer, mais branda do que aquela que acontece na favela (l. 220 a 225).

Ele afirma que viveu empiricamente a situação e defende que ouvir um relato é algo diferente de experienciá-lo. Apesar de ter noção do que é a violência policial na favela, quando Rodrigo vivencia isso nos protestos ele avalia a situação como: *é: muito estranho*, e estende esse entendimento a toda classe média (l. 219 a 222). Nisso percebemos as identidades contraditórias (MOITA LOPES, 2003) construídas pelo entrevistado. Ter noção do que é a repressão na favela e participar de movimentos sociais não o isentou do choque ou do estranhamento quando vivenciou um tipo de violência policial. Afinal, a classe média não está acostumada com esse tipo de abordagem. Portanto, é possível compreender que o choque da classe média com a violência policial com a qual foram tratados nos protestos advém do discurso que projeta tal violência para uma atuação contra criminosos.

Ao avaliar sua experiência, Rodrigo aproxima a abordagem na favela à abordagem na manifestação. Ele enfatiza as medidas exageradas da polícia frente a uma situação que não envolvia uma prática criminosa: *you começa a ver um cara atirando em você, você ‘cara eu num to fazendo nada’, você tá com a mão pra cima, ‘sem violência’ e ele tá mirando e mandando ‘sai daqui’* (l. 225 a 228). Rodrigo ainda reclama da função primeira da polícia, que seria a de punir os crimes qualificados e tipificados no código penal (como matar um monte de gente) e não a de agir com truculência com pessoas que, além de “não estarem fazendo nada”, ainda estavam com “a mão pra cima” (em sinal de rendição). Aqui ele acentua a dicotomia manifestantes *versus* policiais com a qual a entrevista foi iniciada. E significa a ação da polícia como ‘vilã’; uma instituição que, independente de qualquer situação (justa ou não), agirá da mesma forma: *“ela tem uma ordem, ela age nessa ordem e essa ordem protege a a um grupo de pessoas,”* (l. 232 e 233).

É importante esclarecer que, enquanto revisávamos a análise desse trecho (nos trabalhos de Araújo, 2015), a primeira autora percebeu que, de modo semelhante a Rodrigo, ela se viu em estado de choque diante da violência que presenciou na manifestação do dia 20 de junho, conforme destacado na introdução do presente artigo. Entender como a polícia atua e criticar essa atuação também não a isentou do choque ao vivenciar um tipo de repressão. Dessa forma, vimos como a primeira autora se tornou parte da pesquisa na análise conjunta desse trecho, o que ressalta as dimensões autoetnográficas do estudo em coautoria.

Os excertos aqui analisados trazem os argumentos dos quais Rodrigo se utiliza para desqualificar a polícia. Ele conta uma narrativa hipotética para enfatizar sua argumentação. Vale ressaltar que a oposição aos policiais foi oferecida pelos posicionamentos da entrevistadora, perceptíveis na forma como ela iniciou a entrevista. Com a análise desses excertos, compreendemos que as dimensões autoetnográficas permeiam a interação no par *pergunta inicial* sobre a violência policial e a *resposta* de Rodrigo a essa questão, que se faz em alinhamento às percepções trazidas pela entrevistadora acerca da violência policial.

### **Considerações finais**

As atividades da pesquisa sobre as ocupações de 2013 que ora revisitamos (ARAÚJO, 2015) em muito se aproximam do fazer autoetnográfico. As vivências da primeira autora no campo, a motivação para a pesquisa, sua percepção como nativa acerca da violência policial e a geração de dados por meio das interações com os entrevistados são dimensões da pesquisa que podem ser entendidas como autoetnográficas – tematizam a experiência e a memória do pesquisador junto às vivências dos outros participantes no contexto da pesquisa (VERSIANI, 2005). Entendemos, também, que a interpretação dessas experiências, as significações a elas atribuídas e as idas e voltas no exame do “eu” na observação do contexto mais amplo trazem à tona outra dimensão autoetnográfica do presente estudo: a orientação dos procedimentos de trabalho e a coautoria desse texto (ELLIS, 2004; REED-DANAHAY, 1997).

Essas dimensões possibilitaram entendimentos pessoais da primeira autora acerca da violência policial nos protestos, ampliando a compreensão de sua militância e dos movimentos populares em geral, uma vez que o fato de buscar engajamento em movimentos sociais não nos isenta do choque com uma violência que, no final das contas, não é comum à classe média.

Acreditamos, ainda, que a análise da interação na situação de entrevista pode oferecer uma contribuição para o entendimento do empreendimento autoetnográfico, ao focalizar o encontro de ‘eus’ na interação. Vimos que o que acontece nesse encontro pode ter consequências em relação à formulação discursiva e a que conteúdos serão aí gerados; consequentemente, tais acontecimentos terão também implicações em relação a como serão interpretados, escritos, publicados, divulgados e lidos.

Vale também acrescentar que, na pesquisa que ora revisitamos (ARAÚJO, 2015), examinamos, entre outras coisas, como Rodrigo e Elaine gerenciam, em suas narrativas, identidades específicas na interação com a entrevistadora: Elaine se constrói como participante ativa e agentiva nas manifestações, que atuando na organização e na proteção dos outros. Rodrigo se alinha à entrevistadora na construção de uma oposição manifestantes *versus* policiais e se constrói identitariamente como um manifestante engajado em projetos em favelas. Acreditamos que, observando tais aspectos da interação, podemos, por um lado, ir além da análise do conteúdo que os manifestantes trazem para a entrevista sobre a violência da polícia e, por outro lado, aprofundar o entendimento justamente sobre o que aconteceu nas manifestações de junho de 2013.

A análise da interação situada, assim, deixa clara a heterogeneidade dos participantes. Não há apenas diversidade em relação aos grupos sociais que participam dos movimentos, mas também em relação a cada um dos participantes. Em nosso artigo, vimos como os manifestantes se alinham diferentemente entre si nas entrevistas, e como narram e avaliam suas experiências. Os narradores significam a violência da polícia nas manifestações, o que é permanecer nas ruas, participando dos protestos, e o que é pertencer à classe média, ao mesmo tempo que projetam identidades favoráveis diante de outra manifestante.

Para além desses entendimentos, ao analisar as narrativas desses manifestantes, percebemos que o choque produzido pela violência policial nos protestos gerou certa pessoalização da oposição manifestantes *versus* policiais. As pautas de reivindicações nas manifestações passaram a incorporar o comportamento da polícia, por conta do uso desmedido da violência como forma de revidar as atitudes dos manifestantes ou de aterrorizar a população, e não por conta das questões estruturais e políticas que envolvem a discussão de sua desmilitarização.

### **Militancy and occupancy: autoethnographic dimensions in research on social movements**

ABSTRACT: In this study, we revisited Araújo's (2015) research on the relationship between the identities that protesters of June of 2013 claimed for themselves and the episodes of police violence. Our objective is to discuss the relations of our research with autoethnography. In order to do this, we will observe the interaction between researcher and research participants throughout the interviews. Based on a qualitative, interpretative perspective (DENZIN; LINCOLN, 2000) in contribution with the Narrative Analysis (BASTOS; BIAR, 2015), our understanding is that the research activities of 2015 have much in common with ethnography. The experiences of the first author are in alignment with the experiences of the interviewees (VERSIANI, 2005). Moreover, the joint interpretation of these experiences refers to an autoethnographic "us" (ELIS, 2004). This is how the participants of the 2013 events signify their actions, a movement that is constituted in one of the central questions of ethnography (COELHO, 2016).

Keywords: autoethnography; narrative; interaction; social movements; alignment.

### **Referências**

ARAÚJO, E. P. "*Não tá acontecendo nada e eles passam pra tocar um terror*" Repressão policial e construções identitárias em narrativas de manifestantes de junho de 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015.

BASTOS, L. C. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa. *Calidoscópico*, v. 3, n. 2, p. 74-87, 2005.

\_\_\_\_\_.; BIAR, L. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. *D.E.L.T.A – Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 31, 2015.

BAUMAM, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/ Zygmunt Bauman*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BERGER, L.; ELLIS, C. Composing autoethnographic stories. In: ANGROSINO, M. V. *Doing Cultural Anthropology*. Prospect Heights, IL: Waveland Press, 2002, p. 151-166.

BOSSLE, F.; MOLINA NETO, V. No "olho do furacão": uma autoetnografia em uma escola da rede Municipal de ensino de Porto Alegre. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*. Campinas, v. 31, n. 1, p. 131-146, setembro, 2009.

BRUNER, J. [1990] *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CASTELLS, M. *Redes de indignação e esperança*. Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CLANDININ, D. J.; CONELLY, F. M. *Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

COELHO, M. C. [1986] Sobre tropas e cornetas: apresentação à edição brasileira de Writing Culture. In: CLIFFORD, J.; MARCUS, G. (Orgs.). *A escrita da cultura. Poética e política da etnografia*. Tradução: M. C. Coelho. EdUERJ e Papéis Selvagens, 2016.

CRISTÓVÃO, L. da S. G. *Negociações com o armário: homossexualidades e estigma em narrativas de história de vida*. Tese (Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro, 2016.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. 2006. The discipline and practice of qualitative research. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (Orgs.) *The handbook of qualitative research*. Thousand Oaks: Sage, 2000, p. 1-27.

DUARTE, L.F.; GOMES, E.C. *Três famílias: identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

ELLIS, C. *The ethnographic I: a methodological novel about autoethnography*. New York, Oxford: Altamira Press, 2004.

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. 15. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, [1959] 2008.

\_\_\_\_\_. [1964] A situação negligenciada. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.) *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Editora Loyola, 2. ed. revista e ampliada, 2002.

\_\_\_\_\_. [1979] Footing. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.) *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Editora Loyola, 2. ed. revista e ampliada, 2002.

IASI, M. L. A rebelião, a cidade e a consciência. In: HARVEY, D.; MARICATO, E.; DAVIS, M; BRAGA, R. ZIZEK, S.; entre outros. *Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013

LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In: *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LINDE, C. *Life stories: the creation of coherence*. New York: Oxford University Press, 1993.

LODER, L. L. O modelo Jefferson de transcrição: convenções e debates. In: LODER, L.L.; JUNG, N.M. (Orgs.) *Fala-em-interação social: introdução à análise da conversa etnometodológica*. São Paulo: Mercado de Letras, 2008, p. 127-161.

MENDEZ, M. Autoethnography as a research method: Advantages, limitations and criticisms. *Theoretical Discussion Paper*, Bogotá, Colombia, v. 15, n. 2, p. 279-287, June-December, 2013.

MISHLER, E.G. *Research Interviewing*. Context and narrative. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

\_\_\_\_\_. *Storylines - craftartists' narratives of identity*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

\_\_\_\_\_. Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo. In: LOPES, L.P.M.; BASTOS, L.C. (Orgs.). *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras, CNPq, 2002.

MOITA LOPES, L.P. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. In: RIBEIRO, B.T. *et al. Narrativa, Identidade e Clínica*. Rio de Janeiro: IPUB, 2001.

\_\_\_\_\_. *Discurso de Identidades*. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2003.

OLIVEIRA, T. *Educação e ascensão social: performances narrativas de alunos da rede pública federal na Baixada Fluminense*. Tese (Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro, 2012.

REED-DANAHAY, D. *Auto/ethnography: rewriting the self and the social*. Oxford: Berg, 1997.

RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.) *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Editora Loyola, 2. ed. Edição revista e ampliada, 2002.

SECCO, L. As Jornadas de Junho. In: HARVEY, D. *et al. Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

SILVA, C.; RODRIGUES; ANDRADE, D. N. P.; OSTERMANN, A. C. *Análise da Conversa: uma breve introdução*. ReVEL, v. 7, n. 13, 2009.

SILVA, T. T. *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SINGER, A. Brasil, junho de 2013: classes e ideologias cruzadas. *Novos estudos*, CEBRAP, n. 97, São Paulo – Nov, 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010133002013000300003&script=sci\\_arttext&tlng=e](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010133002013000300003&script=sci_arttext&tlng=e)> Acesso em: 13 jun. 2014.

TANNEN, D.; WALLAT, C. [1987] Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame / consulta médica. Tradução: P. C. Citó. In: RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). *Sociolinguística Interacional*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

VERSIANI, D. B. *Autoetnografias: conceitos alternativos em construção*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. (Org.). *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

## ANEXO

### Convenções de Transcrição Jefferson (LODER, 2008)

|            |   |
|------------|---|
| [          | Início de sobreposição de fala                      |
| ]          | Final de sobreposição de fala                       |
| ↑          | Som mais agudo dos que os do entorno                |
| ↓          | Som mais grave do que os do entorno                 |
| (1.2)      | Medida de silêncio em segundos e décimos de segundo |
| °palavras° | Som em volume mais baixo dos que os do entorno      |
| (.)        | Silêncio de menos de dois décimos de segundo        |
| >palavras< | Fala acelerada                                      |
| =          | Elocuções contíguas                                 |
| .          | Entonação descendente                               |
| –          | Sublinhado ênfase em som                            |
| MAIÚSCULA  | Som em volume mais alto do que os do entorno        |
| ?          | Entonação ascendente                                |
| ,          | Entonação intermediária                             |
| <palavras> | Fala desacelerada                                   |
| (( ))      | Descrição de atividade não vocal                    |
| :          | Prolongamento do som                                |
| (palavras) | Transcrição duvidosa                                |
| -          | Corte abrupto na produção vocal                     |
| ( )        | Segmento de fala que não pôde ser transcrito        |

Data de envio: 10/08/2017

Data de aceite: 03/06/2018

Data da publicação: 15/08/2018